Imagem de destaque:
https://www.techtudo.com.br/guia/2023/06/um-ano-inesquecivel-primavera-veja-sinopse-elenco-e-trailer-do-filme-streaming.ghtml

Num livro curto, porém elementar, publicado em 1980, o jornalista Clóvis Rossi [1943–2019] sintetiza o Jornalismo como "*uma fascinante batalha pela conquista das mentes e corações de seus alvos: leitores, telespectadores e ouvintes. Uma batalha geralmente sutil e que usa uma arma de aparência extremamente inofensiva: a palavra, acrescida, no caso da televisão, de imagens"*. Trata-se de uma definição mui simplificada — conforme requerido pela coleção da qual este livrinho faz parte, a Primeiros Passos, da editora Brasiliense —, mas que, em seu bojo, diz muito sobre algo que, quarenta anos depois, permanece atual: a competitividade pela atenção do público. Em seu relato, o autor menciona diversas batalhas atreladas à sua profissão, sendo que uma delas — contida no capítulo "A Preparação da Batalha" — merece destaque: a necessidade de que o jornalista possua um nível de preparo e informação que esteja além dos cursos primários e secundários. Um arcabouço particular, à guisa de embasamento teórico, que contraponha "a aceitação passiva de que as coisas são assim mesmo" em direção à "busca obsessiva pela complementação de conhecimentos, de cultura ou de informação". Conclui o autor: *"é óbvio que só a segunda* [atitude] *é a correta"!*

Ilustrando a sua explicação, o próprio Clóvis Rossi narra uma situação em que, no dia 25 de abril de 1974, foi enviado a Portugal para cobrir os eventos relacionados à Revolução dos Cravos, mas dispôs de apenas três horas para pesquisar sobre a História do país – numa época em que ainda não existia Internet, claro, e que o acesso à informação era restrito a fontes privilegiadas. Segundo ele, esse tipo de exiguidade temporal entre a entrega da pauta e a produção da matéria era dominante nas redações jornalísticas, de modo que foi popularizado o estereótipo de que o jornalista é um especialista em generalidades. *"Ou, em outras palavras, um sujeito que sabe pouco de muitas coisas".* De lá para cá, houve quem promulgasse que não é necessário um diploma universitário para que alguém exercesse a profissão de jornalista, o que foi sancionado pelo Supremo Tribunal Federal (STF) do Brasil em 2009: tornou-se inconstitucional, portanto, por maioria de votos, *"a exigência do diploma de jornalismo e o registro profissional no Ministério do Trabalho como condição para o exercício da profissão de jornalista*".

Após o surgimento da Internet, o debate acerca de tais questões foi problematizado, visto que, em diversos veículos de comunicação, os ditos "influenciadores sociais" estão ocupando

as funções de críticos, apresentadores e noticiadores. Fofocas e boatos confundem-se com manchetes, numa conjuntura em que os parâmetros estilísticos do 'new journalism' sequer são necessários para justificar a extrema subjetividade de alguns relatos ou a ausência de comprovação naquilo que se afirma. Chegou-se ao cúmulo de o ex-presidente protofascista Jair Bolsonaro cometer a prática oximorista de publicar um artigo de opinião, intitulado "Aceitem a democracia", na Folha de São Paulo, em 10 de novembro de 2024. O truísmo que apregoa que todo mundo tem direito à liberdade de expressão, numa democracia, desemboca, atualmente, na proliferação de discursos de ódio, de inversão de valores considerados canônicos e de ode inassumida à extinção da humanidade. De que adianta continuar escrevendo, num contexto como esse?

Chega-se o momento de falar sobre a adaptação cinematográfica da novela "A Matemática das Flores", da blogueira e escritora Bruna Vieira, que deu origem ao longa-metragem "Um Ano Inesquecível" (2023, de Bruno Garotti & Jamile Marinho). No livro, a protagonista Jasmine é uma garota de dezessete anos de idade que, ao tirar notas baixas em Matemática, consente em ter aulas de reforço com seu professor, que ela crê que a hostiliza. Por causa de problemas de planejamento, ele contrata um estagiário para ensinar Jasmine, Davi, por quem ela se apaixona e, motivada por este sentimento, dedica-se a estudar, de fato. Na trama fílmica, como vem ocorrendo desde o primeiro capítulo da quadrilogia (vide análise inicial aqui), há alterações significativas na abordagem, mas não no arco narrativo: Jasmine (interpretada por Lívia Silva) vive na cidade histórica de Ouro Preto, em Minas Gerais, e tem o sonho de tornar-se artista, como a sua falecida avó. Porém, sua mãe Ingrid (Juliana Alves) não concorda com isso, pois deseja que a filha estude Administração. Ela é proprietária de uma floricultura e considera Jasmine "*a flor que lhe dá mais trabalho, mas também aquela que traz mais alegrias*". Até que ela obtém nota zero na prova de Matemática, pois, em vez de responder às questões, enche o papel de gravuras e rabiscos...

Conhecido por seu humor sardônico — em sua caneca de café, por exemplo, pode-se ler a inscrição "lágrimas de meus alunos" —, o professor Carvalho (muito bem vivido pelo humorista Luís Lobianco) decide ajudar a sua aluna, em razão de ela ser exemplar em todas as outras matérias. Designa para a tarefa de ensino adicional um estagiário de Engenharia (Ronald Sotto), que estimula Jasmine a perceber que nada acontece por acaso e que, como tal, ela não deve desistir de seu sonho de tornar-se pintora. O enredo é superficial, em suas convenções românticas, e há uma valorização identitária da negritude da protagonista, mais

ou menos como ocorria no livro, no que tange às especificidades de seu cabelo crespo. É um filme qualitativamente inferior às produções anteriores, bem como à sua inspiração literária, mas que, ainda assim, não deveria ser desprezado por seu público-alvo adolescente, no sentido de que, em suas frases feitas (como a que intitula este artigo, a cargo do professor Carvalho) e situações previsíveis, ele demonstra que as generalidades não são totalmente reprováveis. Quem nunca foi acusado de não saber algo, por repetir uma opinião sobremaneira consensual e/ou indulgente, que atire a primeira pedra!

Wesley Pereira de Castro.